

IMITAÇÃO E A AQUISIÇÃO DA FALA: contribuições teóricas e práticas na educação de crianças de 0 a 18 meses

Adrián Oscar Montoya Dongo *

Luciana Batista Spiller **

RESUMO

Se, para alguns teóricos, a imitação é considerada apenas como função passiva na reprodução de modelos, para Piaget se constituiria como função ativa e sua evolução seria decorrente do progresso da inteligência. Nesse contexto teórico, a imitação, sendo uma atividade que reproduz modelos através de gestos corporais, se constituiria como um mecanismo essencial da criança para a organização fonético-fonológica da sua fala e como instrumento ou técnica de pesquisa no estudo da aquisição da fala. Este artigo analisa a teoria da imitação, segundo Piaget, e sua aplicação na pesquisa sobre a aquisição e o desenvolvimento da fala na criança, para isso, utilizaremos os resultados da nossa pesquisa empírica, realizada em 2005. Em função disso, discutiremos a possibilidade da imitação constituir-se como técnica de pesquisa, de desenvolvimento e de aprendizagem da fala na criança.¹

Palavras-chave: Imitação – Aquisição – Fala – Aprendizagem – Técnica de pesquisa

ABSTRACT

IMITATION AND SPEECH ACQUISITION: theoretical and practical considerations regarding education of 0-18 month old infants

If for some theorists, imitation is considered only as a passive function in the reproduction of models, for Piaget it constituted an active function, and its evolution occurs due to intelligence progress. In this theoretical context, imitation being an activity that copies examples through corporal actions, constitutes an essential mechanism of the child's phonetic-phonological organization and its speech, as well as an instrument or research technique in language acquisition studies. This article

* Professor Doutor do Departamento de Psicologia em Educação e líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Epistemologia Genética e Educação (GEPEGE), Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília/SP, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Hygino Muzzi Filho, 737, Caixa postal 181 – 17525-900 Marília/SP. E-mail: dongomontoyaa@pop.com.br

** Mestre em Educação e Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Epistemologia Genética e Educação (GEPEGE), Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília/SP, Brasil. Fonoaudióloga da Apae de Ourinhos/SP. Endereço para correspondência: Rua 3 de maio, 528-VI, Margarida – 19911-790 Ourinhos/SP. E-mail: luciana.batista@superig.com.br

¹ Auxílio financeiro à pesquisa: CAPES

analyses speech imitation theory according to Piaget, and its use in research upon acquisition, and the development of children's speech, and for this purpose. we have used empirical results of our research carried out in 2005, and based on these results, we discuss the possibility of establishing this methodology as a technique for research, development and language teaching related with children's speech.

Keywords: Imitation – Acquisition – Speaking – Learning – Research technique

1. Introdução

Muitas teorias, na psicologia e em linhas reeducativas, concebem a imitação como uma importante função adaptativa e que aconteceria de forma passiva, isto é, como reprodução mecânica de modelos. Alguns autores registram observações sobre 'comportamento imitativo' nos primeiros cinco meses da criança, mas essas observações não são registradas como imitação, e sim, como fatos de natureza excepcional, atos involuntários ou automáticos.

Piaget (1990) aponta a dificuldade dos estudiosos em demonstrar uma separação efetiva entre a imitação representativa ou propriamente dita de suas formas preparatórias. O autor problematiza: em que momento pode-se fixar o início da imitação? A gênese da imitação não se deveria buscar nos comportamentos anteriores a fala², no período sensório-motor da inteligência? Não haveria uma continuidade entre as formas preparatórias de imitação e a imitação propriamente dita?

Em seus estudos, Piaget demonstra que a imitação, enquanto técnica, não é hereditária, mas sim produto da aquisição do indivíduo, um mecanismo essencial para a reprodução de um novo modelo. Relata que, se for observada a evolução da imitação durante os dois primeiros anos de vida, período sensório-motor, será evidente seu papel ativo, demonstrando que nada teria de involuntário ou automático, e sim, revelando manifestações da inteligência (coordenações de esquemas adaptativos).

Para Piaget, a atividade imitativa denuncia, em sua construção, a existência de coordenações inteligentes e uma analogia de evolução em relação aos seis estágios do desenvolvimento sensório-motor. Por outra parte, esse autor mostra a

continuidade funcional entre a inteligência sensório-motora e a inteligência reflexiva por meio da internalização das coordenações de esquemas de ação. Assim, o autor propõe uma continuidade funcional entre a imitação sensório-motora e a imitação representativa, com a constituição da função simbólica.

Nesse contexto evolutivo, a questão principal é saber o papel da imitação no processo que leva a criança à constituição da fala. Seria a imitação, como coloca Piaget, um processo ativo da criança em relação aos modelos e estímulos sonoros proporcionados pelo meio? Neste artigo, realizaremos a análise dos pressupostos das teorias sobre a imitação, apontaremos as considerações de Piaget sobre o processo imitativo em relação à inteligência e mostraremos o desenvolvimento fonético-fonológico³ da fala na criança, ocorrendo correlativamente à evolução do processo imitativo. Finalmente, discutiremos e proporemos a imitação como técnica de pesquisa e promoção da aprendizagem na criança.

2. Diálogo e crítica de Piaget a outras teorias da imitação

Piaget, em seu livro "A Formação do Símbolo na Criança" (1990), apresenta apontamentos e discussões sobre algumas das teorias mais relevantes a respeito desse conhecimento.

A imitação foi vista por alguns teóricos como uma função instintiva ou hereditária. Claparède

² A fala será entendida como a capacidade da criança de expressar-se oralmente de acordo com os padrões fonético-fonológicos de sua língua.

³ O desenvolvimento fonético-fonológico será compreendido como a evolução das produções vocais realizadas pela criança até a primeira palavra.

(1956) declarou a imitação como um instrumento de grande importância para o desenvolvimento, o qual “não nos é dado completamente pronto” (p. 440), mas precisaria ser aperfeiçoado. Para explicar o porquê de o sujeito imitar, recorreu à hipótese dos componentes instintivos relativos à imitação, que impeliriam a criança a copiar o que a cerca.

Para Piaget, a criança aprenderia a imitar. Essa aprendizagem seria evidente, principalmente na reprodução de movimentos no corpo não-visíveis para o sujeito. A criança, no início de suas atividades imitativas, reproduziria apenas o que soubesse realizar, com a evolução das coordenações de esquemas⁴ e a utilização de indício, percebendo a relação entre o rosto do outro e o seu. Assim, Piaget descarta a hipótese dos componentes instintivos, pois a imitação do novo seria um problema que os seguidores da função instintiva da imitação não conseguiriam resolver.

Dongo Montoya (2005) relata que Piaget reconhece que a imitação não é hereditária, mas sim, um produto da aquisição do indivíduo. “A imitação manifestaria uma atividade, não tendo nada de involuntário ou automático, pelo contrário, denunciaria a existência de coordenações inteligentes.” (PIAGET, 1990, p.18).

Wallon (1986), também citado por Piaget, afirma que a imitação não ocorre antes dos dezoito meses; as reações que as crianças apresentam nesse período seriam apenas “... respostas a um sinal habitual.” (p. 97).

Piaget (1990) opõe-se a essa afirmação, declarando-a como uma resolução que não valorizaria o período sensorio-motor, sendo contrária à continuidade funcional entre esse período e o período representativo. O autor observou, em seus estudos, que a imitação ocorreria desde a segunda fase do desenvolvimento sensorio-motor e, na passagem de uma fase para outra, os esquemas de certo nível não se prolongariam aleatoriamente aos níveis superiores. A transição de uma fase para outra suporia que os esquemas adquiririam elementos novos e assim, conseqüentemente, para alcançar fases posteriores. Nesse processo de desenvolvimento, cada fase alcançada manteria características das anteriores com aquisição de elementos novos e a evolução da imitação aconteceria num

contínuo correlativo ao da inteligência. Desse modo, o autor propõe a continuidade funcional entre imitação sensorio-motora e a imitação representativa, embora haja diferenças qualitativas (estruturais) entre essas duas formas de imitação.

A idéia defendida pelo Associacionismo Clássico consiste em interpretar a imitação como resultante da associação entre a percepção do modelo e a recordação de imagens (auditivas ou visuais). Reduziria a imitação à própria percepção, demonstrando uma tendência à reprodução de objetos percebidos sem auxílio dos esquemas de ações como intermediários. Delacroix (*apud* PIAGET, 1990) aprofunda essa hipótese, segundo a qual a imitação seria automática e direta: a criança copiaria tudo, tanto as coisas como as pessoas. Mas essa cópia não se manifestaria em gestos exteriores, permaneceria em estado de esboço, constituindo, assim, o germe da imitação.

Piaget se contrapõe a essa teoria. Para ele, a imitação seria aprendida, um produto da atividade perceptiva, e não das próprias percepções iniciais. A imitação se desenvolveria na atividade da criança em relação ao meio, por intermédio de assimilações e acomodações ativamente combinadas.

... jamais um novo elemento exterior dá lugar a uma adaptação perceptiva, motora ou inteligente, sem estar vinculado a atividades anteriores; só se percebe, só se o move (ou só nos movemos em relação a ele) ou só se compreende um objeto relativamente a outros ou relativamente às ações precedentes que envolveram o mesmo objeto. (PIAGET, 1990, p.104-105)

Guillaume (1957/1960), como Piaget, objetou as idéias da imitação como técnica instintiva ou da percepção direta. Para explicar a imitação da criança, Guillaume propôs a inovação por meio dos interesses exteriores, apenas os gestos significativos ou efeitos desses gestos seriam imitados; os movimentos desprovidos de significação externa não seriam reproduzidos. Da semelhança entre os movimentos do sujeito e do modelo resultaria a

⁴ Segundo Dongo Montoya (2005), na teoria de Piaget, o termo “esquema” remete à noção de sistema e estrutura, pois se trata de relações que obedecem a leis de totalidade; por isso, a relação do sujeito com o objeto deixa de ser uma simples relação de associação e passa a constituir uma relação de assimilação.

convergência e, concomitantemente, a reprodução, em virtude das igualdades das semelhanças corporais. Para passar dessa imitação global à dos movimentos particulares, bastaria um adestramento⁵ por séries de transferências associativas⁶, que confeririam um valor de sinal às percepções associadas aos movimentos; deste modo, a criança não teria a necessidade de assimilar. A extensão da transferência com base nos novos sinais explicaria a passagem da reação circular⁷ para a imitação de outrem. Desta forma, a assimilação não seria necessária à imitação, mas dela resultaria.

Piaget (1990) valorizou a análise de Guillaume e relatou que este autor revolucionou o problema da imitação. Porém discordou deste em relação a dois pontos: (1) o papel das significações exteriores e (2) a transferência associativa.

Piaget colocou em dúvida a consideração de que as significações extrínsecas seriam imitadas antes dos simples movimentos suscetíveis de repetição. Para este autor, seriam significativos para a criança todos os movimentos e sons suscetíveis de repetição. Isto equivale a dizer que a significação depende da assimilação sensório-motora, da própria ação da criança no meio, ou seja “... é a possibilidade de reprodução que interessa ao sujeito, isto é, o interesse não é exterior, mas imanente ao próprio funcionamento e identifica-se com a assimilação recongnitiva e reprodutora”. (PIAGET, 1990, p.108)

Quanto à segunda oposição de Piaget a Guillaume, refere-se à transferência associativa, a qual não bastaria para explicar os progressos da imitação, sendo estes correlativos ao progresso da inteligência. Guillaume, segundo Piaget, apontou a relação da inteligência e da imitação, mas apenas no momento que a segunda subentendia a exploração intencional:

... é na prossecução do objetivo final, ou seja, uma vez mais, do resultado exterior do ato imitado, que ele vê a inteligência em ação, ao passo que a cópia dos meios, isto é, dos movimentos em si, resultaria de uma derivação secundária que consiste, precisamente, em transferências. (PIAGET, 1990, p.108)

Segundo Piaget, na transferência associativa, a criança não teria ‘necessidade’ de copiar gestos ou sons, bastaria perceber certos sinais e realizar a convergência involuntária dos seus atos com os

de outro, a assimilação aconteceria posteriormente. Para o autor, desde o início das condutas imitativas, haveria um ‘desejo’ de conquista, o qual seria desvalorizado ao querer reduzi-la aos moldes da transferência. A imitação evoluiria na própria atividade sensório-motora. No início, o recém-nascido tenderia a conservar e reencontrar as atividades que realiza. Esse esforço de repetição constituiria o próprio esquema, totalidade motora e perceptiva, que se alimentaria por assimilação⁸ ao mesmo tempo reprodutora⁹ e recongnitiva¹⁰. No final do período sensório-motor, a criança, nesse processo ativo, tenderia a realizar busca de novidades, inventando novos esquemas, os quais seriam reproduzidos ou utilizados para a reprodução de novos modelos.

Desta forma, a teoria piagetiana demonstra as dificuldades inerentes à tese de Guillaume e a distingue da imitação por assimilação: a imitação não poderia ser associação passiva, pois a atividade da criança estaria subordinada às coincidências; a repetição da associação só aconteceria em ligação com uma sanção; uma associação não é um fato primordial, constitui-se apenas em função de uma totalidade complexa, caracterizada pela perseguição de um determinado fim.

⁵ Nesse contexto, o termo adestramento será entendido como a ação de estabelecer associações exteriores sem a necessária intervenção do processo de assimilação ou de integração por parte do sujeito; ato de solicitar da criança ações de reprodução de comportamentos adquiridos para novas situações, mas isso sem a necessária integração ou reorganização por parte dela.

⁶ O conceito de transferência associativa tem como base a teoria dos reflexos condicionados. Na atividade do sujeito não haveria compreensão ou tomada de consciência de seus atos.

⁷ Reação circular: é a repetição do ciclo realmente adquirido ou em curso de aquisição. (Definição de Baldwin citado por Piaget (1970, p.58).

⁸ Assimilar significa incorporar elementos do meio ao esquema. Segundo Dongo Montoya (2005, p.136), a “assimilação é o mecanismo contrário à noção de associação (associacionismo). No processo adaptativo, assimilação exprime o pólo ativo do organismo do sujeito, pois se trata de integrar os objetos aos esquemas do sujeito.”

⁹ Para Marçal (2009, p. 39), a “... assimilação é reprodutora ou funcional, na medida em que sempre há a repetição dos esquemas de ação”

¹⁰ Segundo Marçal (2009, p. 40) a “... assimilação recongnitiva, é exercida na medida em que há a diferenciação das atividades re?exas que assimilam os excitantes, (...). Ao integrar um número cada vez maior de objetos ao esquema re?exo, ou de ação, o sujeito-organismo tem condições de distingui-los, não necessariamente enquanto objetos singulares, mas enquanto um reconhecimento sensório-motor de necessidade e satisfação dos aspectos especí?cos da atividade ...”.

A imitação, para Piaget, seria uma atividade do sujeito em interação com o meio, evoluindo no processo de assimilação e acomodação, sendo uma das expressões do desenvolvimento da inteligência. Na imitação, sempre uma função ativa, a criança realizaria uma busca de características do modelo em relação ao que conhece e reproduziria modelos análogos aos que já saberia realizar. Deste modo, Piaget entendeu a imitação como uma atividade da criança preocupada em reencontrar um resultado desejado ou a ser assimilado e não como atividade associativa. Segundo o autor, a criança, ao repetir o esquema já deflagrado, por meio da reação circular, realizaria a imitação: uma forma de aprender e de organizar os esquemas de ação.

Com os progressos do desenvolvimento da inteligência, a imitação evoluiria dependendo estreitamente desta última. Para Piaget “a imitação é sempre um prolongamento da inteligência, (jamais se constitui como conduta auto-suficiente), mas no sentido de diferenciação em função de novos modelos”. (1990, p. 95).

Sendo nosso objetivo resgatar a teoria de Piaget sobre a imitação e a evolução da fala no período sensório-motor, não nos deteremos no diálogo com outras teorias contemporâneas nem em críticas a elas. Entretanto, consideramos que a concepção de Piaget sobre a gênese da atividade imitativa, como atividade adaptativa e organizada, em relação ao desenvolvimento da inteligência, é singular no panorama teórico contemporâneo.

3. A evolução da fala sensório-motora e a imitação

Os primórdios da imitação para Piaget estariam no segundo estágio do desenvolvimento do período sensório-motor da criança. Reproduzir um modelo por reação circular implicaria em reconhecer um elemento adquirido em função da experiência.

Deste modo, neste estágio, os esquemas de ação começariam a se coordenar entre si, assim a fonação ou esquema de fonação far-se-ia acompanhar pelo esquema de audição. Em virtude da assimilação recíproca, a criança, ao escutar emissões

sonoras análogas ao que produz, poderia repeti-las por reação circular primária.

A audição, na teoria de Piaget, deixaria de ser um mero canal de recepção, passando a ser vista como um esquema que possuiria atividade de inserir e ajustar sons a ele próprio, para transformar-se e evoluir. A atividade do esquema de audição não seria um simples registro, mas a busca de um som por meio da assimilação e da acomodação. O som assimilado pela audição seria inserido ao esquema, que se acomodaria aos sons análogos ao que a criança já produzia, isto em virtude da assimilação recíproca entre os esquemas de fonação e de audição.

No momento em que a criança acomoda o seu ouvido e sua fonação a uma nova emissão, diferenciando de suas produções anteriores, ela estaria apta a reproduzir essa emissão assim que a escutar. Ao escutar a emissão sonora, assimilá-la ao esquema correspondente e esta, ao ser acomodada, poderia prolongar-se em imitação. A emissão conhecida chamaria a atenção, pois faria parte de algo já realizado (assimilação cognitiva), não sendo uma simples resposta associativa, com a possibilidade de ser encontrada por assimilação reprodutora.

Os objetos – neste estudo as emissões sonoras – interessariam à criança na medida em que serviriam de alimento para o funcionamento do esquema de fonação e de audição, e na medida em que a sua percepção exprime a sua capacidade e mesmo a sua exigência de reprodução imediata.

Nesse segundo estágio, Piaget aponta três tipos da imitação nascente: (1) contágio vocal – notado quando o choro ou a voz de outrem excita a produção sonora da criança, não ocorrendo a imitação das mesmas emissões escutadas. O contágio ocorreria no momento em que a criança torna-se capaz de realizar a reação circular relativa à fonação e à audição, ou seja, quando coordena esses esquemas; (2) imitação mútua – aconteceria como um arremedo, quando o adulto imita emissões sonoras que a criança está produzindo, no momento em que ela está entregue à repetição de uma emissão determinada. A criança não faria esforço para adaptar-se, simplesmente procuraria conservar aquela emissão que produzira momentos antes,

prolongando-a em reação circular; (3) imitação esporádica – aconteceria quando a criança imita com precisão uma emissão conhecida, sem que a tenha produzido momentos antes.

A criança apenas imitaria o que reconhecer auditivamente; emissões que ela não produz não seriam imitadas, pois não fariam parte de seus esquemas. Mesmo que fosse imitada pelo adulto, a criança pararia sua produção e, assistematicamente, voltaria a produzi-la. Portanto, a criança não estaria imitando o outro, e sim, a si mesma, buscando a emissão que soubesse produzir.

No terceiro estágio do desenvolvimento sensório-motor, com o avanço da reação circular primária para a reação circular secundária haveria, também, o progresso da imitação. Para Piaget (1990), esse estágio seria caracterizado pela imitação sistemática dos sons já pertinentes à fonação das crianças e de movimentos executados anteriormente pelos sujeitos de maneira visível para eles. Por não existirem tentativas de acomodação aos modelos novos, a criança apenas imitaria o que reconhecesse, ou seja, emissões sonoras pertinentes a sua própria fonação. Portanto, até o presente momento, não haveria imitação do novo, pois não existiria coordenação mútua entre esquemas secundários e acomodação, precedendo assimilação; sendo assim, a criança não procuraria a novidade pela novidade.

Desta forma, na fonação, a imitação esporádica do segundo estágio progrediria em imitação sistemática e intencional das emissões sonoras conhecidas pela criança. Mas, mesmo com a evolução, uma emissão sonora, para ser reproduzida, deveria constituir uma espécie de objeto reconhecível. Quando houvesse a produção de uma emissão sonora desconhecida, a criança se calaria ou produziria uma emissão com certa analogia ao que foi produzido para manter o espetáculo. O objetivo do sujeito seria fazer durar espetáculos interessantes, ou seja, manter a emissão ouvida, produções que soubesse realizar. Contudo, conseguiria imitar quase todas as emissões que soubesse produzir espontaneamente e que conseguisse isolar de sua massa fônica. As emissões sonoras desse estágio ainda não possuiriam significados externos, o significado se manteria no próprio reconhecimento do som, não conceitual.

A imitação do quarto estágio seria caracterizada por Piaget (1990) em dois momentos: “a imitação dos movimentos já executados pelo sujeito, mas de maneira invisível para ele” e “a imitação de modelos sonoros e visuais novos”. Essa evolução ocorreria em virtude das novas condutas do desenvolvimento sensório-motor, ou seja, coordenação de esquemas secundários, desabrochando a imitação mediata por diferenciação progressiva da acomodação relativamente à assimilação, portanto iniciaria a imitação do novo.

O progresso na imitação ocorreria por consequência da maior mobilidade das coordenações de esquemas e da constituição de indícios que permitiriam à criança assimilar gestos de outrem a seu próprio corpo, mesmo quando tais gestos permanecessem invisíveis para si. Os indícios serviriam de meios em relação à finalidade que é a imitação.

Nesse processo, a assimilação seria mediada pelos indícios inteligentes. Piaget descreve as combinações possíveis durante a tentativa de imitação sonora: (1) um som serviria de indício para imitação de um movimento da boca ou de um novo som; (2) o movimento articulatório serviria de indício para a reprodução de um novo modelo sonoro ou outro movimento. A criança, não alcançando o modelo ideal, repetiria o que alcançou por analogia. O indício teria um papel transitório para as conquistas da criança.

Nessa evolução, no exercício da produção sonora, Piaget observa o início da imitação de novos modelos sonoros ou a busca incessante para imitar um novo modelo. Mas a nova emissão sonora não seria ainda totalmente diferenciada daqueles modelos que a criança já possuía. Haveria imitação sistemática e intencional, em relação às emissões já constituídas, quando existisse interesse da criança na realização dessas.

Segundo Piaget (1990), há interesse por exemplos que apresentem uma analogia com os esquemas já constituídos, como sendo o prolongamento das tendências anteriores; os modelos demasiadamente novos deixam o sujeito indiferente. O conflito entre a semelhança parcial e a diferença, que tanto atrai a sua atenção como serve de obstáculo, parecia acionar a necessidade de imitar. Mesmo que a criança imitasse, por assimilação recognitiva e reprodutora, procuraria ainda, pela sua resposta imitativa, manter o que vê ou o que ouve.

A imitação dos movimentos conhecidos, mas invisíveis para o sujeito, tornar-se-ia possível pela assimilação mediata que seria verificada pela ordenação e constituição dos indícios inteligentes. No momento em que a criança conseguisse imitar movimentos já executados de maneira invisível no seu corpo, ela iniciaria a cópia de novos modelos sonoros e gestos que antes lhe eram indiferentes. Como exemplo, os estalidos de língua e lábios.

A imitação, no quinto estágio, seria caracterizada pela reprodução sistemática dos novos modelos invisíveis do próprio corpo da criança. Com a exploração tateante e sistemática e o conjunto de esquemas já constituídos, alcançados nesse estágio, a criança realizaria a imitação de novos modelos sonoros e a reprodução de movimentos desconhecidos.

No desenvolvimento das condutas vocais desse estágio, a criança observaria a boca do modelo e tentaria encontrar a emissão correta por meio de tentativas experimentais, modificando sua articulação, produzindo outras emissões até alcançar o modelo sonoro produzido por outrem. Para iniciar esta busca do modelo sonoro, a criança utilizar-se-ia dos esquemas constituídos, diferenciando-os até chegar ao seu objetivo final.

Nesse momento, o progresso na imitação verbal seria iniciado. As crianças produziriam inabilmente as primeiras palavras adultas, imitando por experimentação ativa.

A imitação aconteceria, naturalmente, por tentativas dirigidas. A criança começaria a imitar emissões sonoras (sons, fonemas, palavras, expressões verbais) que seriam novas para ela, mas convergentes com as emissões sonoras que já produzia, aproximando-se da fala do adulto. Portanto, as emissões sonoras seriam imitadas não corretamente, mas pelas adequações às produções sonoras que já realizava. Assim, por tentativas sistemáticas, a criança aproximaria suas emissões sonoras da palavra produzida pelo adulto.

No sexto estágio do desenvolvimento sensório-motor, com internalização das coordenações de esquemas e constituição da função simbólica, a imitação realizada pela criança seria intermediária entre a representação e o ato motor. Nesse nível intermediário, o ato se tornaria significativo ao se reportar a um significado, tornando possível a aquisição da fala.

A imitação vocal seria realizada com mais frequência e cada vez menos no momento em que acabasse de ser ouvida. A criança empregaria uma palavra ou grupo de palavras em situações distanciadas daquelas em que foi produzida. Imitaria movimentos e barulho de objetos; por exemplo, reproduziria o som de uma janela ou porta que bate ou se balançaria de acordo com o ritmo daquela.

Portanto, para Piaget, ao imitar uma palavra ou uma emissão sonora referente a uma ação na ausência do modelo (correspondendo à imitação diferida já descrita), reconstituindo ou evocando o ato, a criança utilizaria as primeiras palavras como signo.

A função da imitação, segundo esse autor, seria reproduzir em atos um momento particular ou dizer em palavras um ato. As primeiras palavras corresponderiam, assim, à imitação diferida, não à imitação imediata, pois a reprodução se daria em outro momento numa situação análoga. A produção da palavra já não seria mais apenas ato motor, a fala tornar-se-ia um significante, ou seja, a imitação de uma ação. Portanto, as primeiras palavras seriam expressões de ação e não interiorização de fala adulta.

4. A importância da imitação como atividade inteligente e como técnica de pesquisa da evolução fonético-fonológica da fala

A pesquisa realizada por um de nós, “A gênese da organização fonético-fonológica da fala na criança” (BATISTA, 2005), teve como base a pesquisa de Jean Piaget (1970; 1990) sobre o desenvolvimento da inteligência sensório-motora da criança. Com base nesse estudo, realizamos uma análise da evolução das produções vocais de crianças de 0 a 18 meses, ou seja, tratamos de efetuar uma análise genética do desenvolvimento fonético-fonológico da fala na criança, isto é, da evolução das emissões sonoras produzidas pela criança até a primeira palavra.

Utilizamos, para realizar a pesquisa, o método clínico proposto por Piaget. Segundo Delval (2002), esse método nos dá a possibilidade de observar a evolução contínua nos períodos de investigação e de combinar enfoque teórico e pesquisa empírica.

A pesquisa foi constituída por dois estudos evolutivos: (1) estudo evolutivo transversal e (2) estudo evolutivo longitudinal. O interesse em observar como as condutas sonoras vão mudando ao longo do tempo nos levou a estudar os sujeitos em diferentes idades. Portanto, os estudos foram realizados por meio de observações de dez crianças, de 3 a 18 meses de idade, em um Núcleo de Educação Infantil da cidade de Ourinhos/SP.

Em virtude dos delineamentos evolutivos escolhidos, a observação teve como referência os estágios II, III, IV, V e VI do desenvolvimento sensório-motor proposto por Piaget. No estudo evolutivo transversal, foram escolhidas duas crianças em idades cronológicas correspondentes a cada um dos estágios acima descritos, somando dez crianças observadas durante três meses neste estudo. Destas dez crianças, três foram acompanhadas por um período mais prolongado, nove meses, dando-nos dados para um estudo evolutivo longitudinal.

Constatamos em nossa investigação teórica que, desde o segundo estágio do desenvolvimento sensório-motor proposto por Piaget, a criança conseguia imitar emissões sonoras análogas ao que já sabia produzir. Ao buscar reproduzir emissões sonoras análogas às suas, fazia evoluir seu mecanismo de ação ou produção vocal e auditivo, e esta ação progredia correlativamente à evolução da própria inteligência. Visualizando a importância da **imitação** no processo de aquisição do conhecimento, a utilizamos como meio primordial para a obtenção dos dados sobre a gênese da fala sensório-motora.

A classificação dos sujeitos da pesquisa nos estágios de desenvolvimento cognitivo foi estabelecida a partir da observação dos comportamentos e das **imitações** realizadas pelas crianças, relacionando-os aos estágios sensório-motores descritos por Piaget. Assim, os dados evolutivos das produções vocais no período sensório-motor foram obtidos mediante a observação do desempenho qualitativo das condutas sonoras das crianças. Utilizamos como instrumentos na obtenção dos dados: (1) **produções e imitações vocais** espontâneas realizadas pela criança; (2) **imitações**, realizadas pela experimentadora, a partir das produções sonoras das crianças; e (3) outras emissões sonoras realizadas pela experimentadora.

As emissões sonoras escolhidas na situação estavam de acordo com as hipóteses do estágio do desenvolvimento da inteligência sensório-motora em que se encontrava a criança. Piaget descreve que as crianças, no início de seu desenvolvimento, reproduzem apenas emissões sonoras análogas às suas e, a partir do IV estágio do desenvolvimento sensório-motor, inicia a reprodução de novos modelos sonoros. Com isto, a experimentadora utilizava ora novos modelos sonoros não emitidos pelas crianças, ora emissões sonoras análogas às já produzidas pelas crianças. As respostas das crianças e suas ações contribuíram para confirmar nossas suposições sobre o desenvolvimento das condutas sonoras em relação ao desenvolvimento da inteligência no período sensório-motor proposto por Piaget.

Observamos que, no II estágio (3 a 5 meses) do desenvolvimento sensório-motor, as emissões sonoras das crianças deixavam de exprimir apenas fome e mal-estar físico e passavam a ser produzidas e repetidas no exercício do próprio esquema ou reações circulares primárias, iniciando o jogo vocal. As crianças, então, se interessavam por sons e voz de outrem, reproduzindo, assistematicamente, modelos sonoros análogos aos seus. Nesse estágio, as crianças não apresentavam intencionalidade em suas emissões.

No III estágio (6 a 8 meses), com a reação circular secundária, as crianças iniciavam suas primeiras condutas voltadas para o meio. Com o avanço da coordenação dos esquemas, as crianças produziam novas emissões ao acaso, tentando reencontrá-las e repeti-las. Nessa atividade constante, houve a diminuição do prolongamento das emissões sonoras, o aumento das variedades sonoras produzidas e o início da produção de sílabas, começando a duplicar-se e a diferenciar-se no uso. As crianças imitavam modelos sonoros que possuíam analogias com o que já sabiam produzir, mas ainda não havia a reprodução de novos modelos. Com isto, percebemos que não era a criança que imitava o adulto, mas sim, o adulto que realizava a imitação, pois, ao reproduzir uma emissão já conhecida pela criança, esta apenas a reproduzia. As crianças mantinham como característica da fase anterior, a repetição, agora diferenciada, pois o interesse não era só o exercício do esquema, e sim, um resultado alcançado no meio.

No IV estágio (9 a 11 meses), com a evolução da coordenação de esquemas secundários e a distinção entre esquemas meios e fins, as crianças começavam a ser mais ativas. As emissões sonoras acompanhavam ações e gestos indicativos. Uma mesma emissão era realizada em diferentes situações, acompanhando o estado emocional da criança. As crianças utilizavam as emissões conhecidas para realizar outras produções sonoras ou como meio para alcançar algo que desejassem. Com esse progresso, as emissões sonoras passavam a ser utilizadas com intencionalidade comunicativa. Embora imitassem movimentos e modelos sonoros novos, as crianças ainda o faziam com certa analogia com o que já produziam.

No V estágio (12 a 14 meses), caracterizado pela reação circular terciária e pela criação de novos meios na experimentação ativa, as crianças buscavam novos resultados e tentavam compreendê-los. Mostravam mais interesse nos movimentos articulatórios realizados pelo modelo, tentando imitar qualquer novidade. Produziam emissões sonoras específicas para certas atitudes. Desta forma, as crianças mostravam o progresso da intencionalidade comunicativa e usavam as emissões que possuíam para se aproximar das palavras da fala do adulto, ou seja, dava início à imitação verbal.

No VI estágio (15 a 18 meses), caracterizado pela invenção mental e pelos princípios da imitação representativa, as emissões não só acompanhavam atos motores, mas também faziam parte das ações, constituindo os esquemas verbais. Estes eram emissões sonoras imitadas de objetos, criadas pela criança ou sugeridas pelo meio, que passavam a ser generalizadas para atos semelhantes, correspondendo às primeiras palavras. Em virtude da interiorização dos esquemas, a imitação começava a ser realizada na ausência do modelo. Portanto, ao imitar uma palavra ou uma emissão sonora referente a uma ação na ausência do modelo, reconstituindo ou evocando o ato, a criança utilizava as primeiras palavras como signo.

Os resultados dos estudos indicaram que a evolução da organização fonético-fonológica da fala no período sensorio-motor ocorreu por meio de uma construção contínua da criança em relação ao meio, correlativamente ao progresso da inteligência. Ao

exercitar seus comportamentos vocais, a criança assimilava novos elementos do meio, transformando suas condutas e tornando-as mais complexas. Os estudos demonstraram que, em cada estágio, ocorreram mudanças qualitativas e quantitativas nas condutas vocais das crianças e que elas progrediam em relação ao desenvolvimento da imitação.

Por meio da imitação, a criança utilizava os esquemas ou emissões sonoras conhecidas para alcançar o modelo sonoro sugerido pelo meio. A pesquisa comprovou que, pela imitação, embora a criança se aproxime das produções realizadas pelo adulto, elas não são aleatórias. A criança busca imitar algo que possui analogia com o que conhece ou com o que já produz.

Assim, a imitação, nesta pesquisa, foi vista como a busca do novo depois de sua reprodução, mostrando-se um mecanismo essencial para a evolução das condutas sonoras da criança. A imitação revelou-se como uma das manifestações da inteligência, acontecendo de forma ativa, isto é, na busca da criança para encontrar o resultado desejado ou a ser assimilado.

5. Conclusão

Os resultados obtidos no estudo confirmam a hipótese de Piaget sobre a importância da **imitação** no desenvolvimento da organização fonético-fonológica da fala da criança, ocorrendo correlativamente à evolução da inteligência sensorio-motora. Também ficou demonstrada a importância da imitação como técnica ou instrumento para a realização de estudos sobre o desenvolvimento da fala sensorio-motora. Deu-nos, além disso, condições para determinarmos ou relacionarmos em que fase do desenvolvimento sensorio-motor a criança se encontra e acompanhar sua evolução.

Nesse contexto, a imitação mostra-se uma atividade inteligente, um processo ativo da criança em relação ao meio, proporcionando a construção do conhecimento e da aprendizagem, discordando das teorias relacionadas no início do artigo. A busca do novo, depois de sua reprodução, mostrou-se um mecanismo essencial para a evolução das manifestações sonoras da criança. Assim sendo, o processo imitativo seria necessário à constituição da fala.

Segundo Piaget (1968), a criança adquire a fala num contexto de imitação. Ela recebe o convencional pela imitação e, ao adquirir modelos exteriores, modela-os à sua maneira e os utiliza.

Diante destas informações, concluímos reafirmando a importância do processo imitativo no que se refere à construção de conhecimento, aqui a organização fonético-fonológica da fala na crian-

ça; e na sua utilização como técnica ou instrumento de pesquisa e, após estudos mais especializados, no seu uso na reeducação e no diagnóstico precoce dos distúrbios ou alterações fonético-fonológicas da criança. Apontamos, também, a imitação como uma importante técnica do ensino-aprendizagem, pois ao provocar a imitação, provocamos a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, L. **A gênese da organização fonético-fonológica da fala na criança**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Marília, 2005.
- CLAPARÈDE, E. **Psicologia da criança e pedagogia experimental**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1956.
- DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DONGO MONTOYA, A. O. **Piaget e a criança favelada: epistemologia genética, diagnóstico e soluções**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DONGO MONTOYA, A. O. **Piaget: imagem mental e construção do conhecimento**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- GUILLAUME, P. **Manuel de psychologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- GUILLAUME, P. **Psicologia da forma**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. v.81.
- MARÇAL, V. E. R. **O esquema de ação e a constituição do sujeito epistêmico: contribuições da epistemologia genética à teoria do conhecimento**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Marília, 2009.
- PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, [S.d.].
- PIAGET, J.; INHELDER, B.. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- WALLON, H. **Psicologia**. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes cientistas sociais, v. 52)
- ZORZI, J. L. Desenvolvimento cognitivo e distúrbios da aquisição de linguagem: uma proposta terapêutica. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 2, n. 3/4, p.115-125, 1987.

*Recebido em 28.09.08
Aprovado em 04.11.08*